

Cláudia Luísa Zeferino Pires

Cristiano Quaresma de Paula

Helena Bonetto

Apresentação

O que está posto nas próximas páginas é a valorização dos lugares, das lutas, das conquistas e da força dos TINGUERREIROS.

(Conto, Apresentação, p. 2)

Apresentamos, neste capítulo, reflexões teóricas e metodológicas resultantes do projeto de pesquisa Identidades Territoriais e a Questão Ambiental, o qual objetivou, entre outras coisas, a elaboração de um conto sobre o Bairro Restinga, em Porto Alegre – RS. Este conto foi escrito com base em memórias de moradores, as quais foram situadas no tempo e no espaço. Estes narradores aparecem no conto e interagem com personagens fictícios em um contexto escolar.

A partir do objetivo de cartografar contrastes socioambientais e analisar a diversidade territorial do bairro, o conto apresenta memórias sobre as relações dos moradores com o espaço em que vivem. Diante das inúmeras possibilidades de procedimentos metodológicos para desvendar o espaço geográfico na Restinga, a equipe se percebe na produção do conhecimento e busca estabelecer

outros caminhos metodológicos, mais adequados aos objetivos esperados do projeto e da perspectiva da construção de um conto, o qual busca exprimir as vivências no bairro.

Como suporte à proposição metodológica, buscaram-se pressupostos teóricos que favoreçam a compreensão do espaço geográfico. Na perspectiva de Santos (2006), a compreensão de que espaço geográfico remete a dimensões de sociedade/natureza e espaço/tempo. Assim, é possível compreender o processo de constituição do bairro, a instalação de “fixos” e os “fluxos” que o atravessam. Ainda proporciona entender as “verticalidades”, sobretudo impostas pela gestão pública, e a reação dos moradores como “horizontalidades” que se expressam em redes de solidariedade e organizações comunitárias.

Para a construção do conto, buscou-se compreender o espaço geográfico no Bairro Restinga a partir de mapas-narrativas realizados junto aos moradores que são reconhecidos como protagonistas nas organizações comunitárias do passado e do presente. Estes foram os narradores, os quais compartilharam suas trajetórias com o grupo de pesquisadores para que essas compusessem a trajetória do bairro. Maria Clara Cardoso Nunes relata sua história desde que decidiu se mudar para a Restinga. É uma liderança comunitária que participou ativamente na construção do Clube de Mães do bairro e possui uma trajetória de luta por melhorias há mais de 40 anos. José Carlos dos Santos, conhecido Beleza, é morador da Restinga e liderança comunitária há mais de 30 anos. Participa do Orçamento Participativo e também lutou pela construção do Hospital da Restinga. Carla Regina Fontoura é moradora, desde criança, e participava da Escola de Samba Estado Maior da Restinga, Maria Augusta da Silva e Djanira Corrêa da Conceição, também residentes há 20 anos. Djanira tem sua atuação política relacionada com as demandas atuais do bairro como a implementação do Instituto Federal da Restinga, do Hospital e também no Orçamento Participativo, principalmente, estando envolvida com as questões da saúde.

Este grupo foi convidado para reuniões onde foi exposto os objetivos da pesquisa e os princípios que estávamos buscando, ou seja, contar sobre a Restinga e suas transformações. Compreendendo que esses moradores iniciam sua história com o bairro em tempos diferentes, e moram em lugares diversos também, eles situaram contextos políticos e reviveram suas memórias.

Os relatos expõem as chegadas ao bairro, as primeiras percepções de ausências e a busca permanente da presença, a conformação coletiva de desejos de melhorias, como se integraram em organizações comunitárias, as estratégias frente às faltas de infraestruturas, as lutas que estabeleceram a partir de demandas do bairro, o diálogo com gestores públicos e políticos em busca por melhorias, as conquistas em infraestruturas, as mudanças que observam nas infraestruturas e relações sociais do

bairro, as lutas atuais e os desejos por conquistas para o bairro.

A partir dos mapas-narrativas, expressam o movimento de construção e transformação do bairro. Representam cotidianos no espaço, situados no tempo. Os narradores, ao contarem sobre sua chegada à Restinga, partem do “nada”, ou seja, do momento histórico em que os primeiros moradores chegam após serem removidos de áreas centrais da cidade, e seguem apresentando a sequência de loteamentos, a instalação de infraestruturas, sempre vinculando as práticas diárias e as lutas assumidas pelas organizações comunitárias. Eles marcam no espaço representado em mapa símbolos que são significantes no momento histórico apresentado e compõem significados no presente. É um processo de mapeamento atravessado por sentimentos de vitória, derrotas, frustrações e perseverança de pessoas que vivem e entendem o bairro onde moram.

A compreensão desses referenciais espaço-temporais, repletos de significados, deu-se através da análise do mapa concomitante com a revisão de narrativas desses moradores gravadas e anotadas no contexto de elaboração desse. Essas narrativas dão significado a cada símbolo expresso no mapa a partir de experiências individuais e coletivas, por isso chamamos de mapas-narrativas. Assim, compuseram-se outras histórias sobre o espaço do Bairro Restinga, que vão além do contexto de violência e marginalidade social que se expressa na mídia de Porto Alegre. São histórias que transitam no espaço e em determinados momentos se encontram, uma vez que os moradores que participaram do processo frequentemente se encontram em momentos de luta e compartilham as mesmas experiências.

No conto, essas experiências espaciais formam um percurso que acontece em diversas temporalidades. O título do conto é “Desvendando a Tinga: o mistério das caixas”. Nesse trajeto, os personagens, crianças em idade escolar, encontram os moradores que participaram do projeto e recebem deles caixas com símbolos a serem desvendados. Esse conto, problematizado no cotidiano escolar, proporciona reflexões acerca da geografia do lugar, onde substitui conhecimentos mais genéricos por um detalhamento de contrastes espaciais do bairro e se relaciona com conteúdos mais específicos, não somente com a geografia, mas com outras disciplinas. Além de favorecer o desenvolvimento de atividades interdisciplinares nas escolas, tende a um contexto de educação geográfica cotidiana, uma vez que expressa experiências e vivências de moradores do bairro, repercute na própria Restinga que reconhece sua trajetória e dialoga com o conto. A figura 1, na página seguinte, apresenta a capa do livro-conto.

Na sequência deste texto, apresentaremos o contexto da pesquisa e a aproximação com o contexto escolar onde as atividades foram realizadas, e os caminhos da pesquisa e suas reflexões teórico-metodológicas.

Figura 1: Capa do livro-conto, ilustração de Nádia Poltosi e publicação de Compasso Lugar/Cultura, em parceria com a Imprensa Livre (2014).



A Tinga, a Escola

É sábado, tem escola aberta, lá vão os amigos
Daniel, Hector, Carlos, Ana e Tetê
participar das atividades.
(Conto, p. 2)

A Restinga é um bairro com características muito heterogêneas: com uma intensa urbanização, também possui espaços com aspectos rurais onde ainda se desenvolvem atividades hortifrutigranjeiras. Sua história está associada ao Lema “Remover para Promover”, do município de Porto Alegre, que tratava das remoções de vilas e núcleos irregulares, entre o período de 1965 até meados de 1970, onde muitas vilas foram removidas para a Restinga. Na área mais urbanizada, há uma fragmentação territorial muito conhecida: a mais antiga – com infraestrutura precária, com ruas estreitas e paralelas e outras sinuosas e irregulares – é chamada de Restinga Velha; a com maior infraestrutura urbana é chamada de Restinga Nova – com algumas ruas largas, com bastante comércio, praças e acessos menores onde mora a maioria das famílias de “classe média” do bairro, com residências de alvenaria. A denominada Restinga Nova possui quatro unidades vicinais de planejamento que correspondem aos diferentes processos temporais e espaciais de ocupação. Seguindo

certo padrão, mas que também possui áreas com ocupações irregulares e habitações precárias; a mais nova unidade vicinal é denominada de quinta unidade da Restinga, que possui casas populares pequenas e padronizadas, construídas pela prefeitura, mas já alteradas devido à necessidade de ampliações e carências de infraestrutura urbana (AIGNER; PIRES, 2012).

Conforme Aigner (2002), a Escola Municipal Prof. Larry José Ribeiro Alves foi fundada em 1987, era organizada por séries e implantou a organização do ensino por ciclos de formação apenas no início do ano letivo de 2000. A partir da implantação dos ciclos por formação, a comunidade escolar buscou algumas aproximações entre o trabalho pedagógico realizado na escola com a realidade da comunidade atendida nessa instituição. Essa organização trouxe a possibilidade de pesquisa para o contexto escolar e assim trouxe aproximações significativas entre escola e comunidade. É nesse contexto que surge a possibilidade de integrar pesquisa, ensino e extensão, articulando e fortalecendo o papel da escola na integração com a comunidade.

Consideramos importante frisar que esse trabalho foi possível nesse contexto de conformação de um ambiente escolar aberto à comunidade. Isto favorece as atividades de pesquisa, pois os participantes já estabeleceram vínculos com os pesquisadores e com a comunidade escolar e, por isso, se sentem à vontade para exporem as suas histórias. Os participantes expõem seus saberes, pois se sentem respeitados e valorizados quando chamados a falar na escola pelos pesquisadores. Houve o compromisso explícito de que os participantes e toda comunidade se relacionariam com a atividade e os princípios da pesquisa teriam um retorno em forma de um livro-conto.

Os caminhos metodológicos

Os caminhos metodológicos adotados para escrita do livro-conto “Desvendando a Tinga: O mistério das caixas” foram constituídos por meio da escuta de narrativas espaciais, a qual se dava concomitante com o mapeamento dos marcadores das memórias históricas e espaciais dos moradores da Restinga.

Para esclarecer nosso leitor, explicaremos as conceituações de narrativas espaciais, mapeamento e marcadores espaciais. Após a explicação destes referenciais, será encontrada a proposição conceitual mapa-narrativa, tendo em vista que esses procedimentos metodológicos foram realizados de forma simultânea nos encontros com os narradores da Restinga.

As narrativas espaciais são entendidas a partir dos pressupostos teórico-metodológicos de Lindón (2007). Para a autora, a reconstrução das experiências vividas se dá através das narrativas nas quais as pessoas desvelam o espaço e a espacialidade de diferentes formas. O narrador se vale do espaço para a simples localização dos fatos, para a atribuição de lembranças carregadas de significados,

para a afirmação de si mesmo, quando esse lugar está relacionado com prestígio, ou para depreciação de si mesmo, quando esse lugar é perigoso (LINDÓN, 2007).

Além das narrativas resgatarem experiências, fatos importantes da vida das pessoas, ao contarmos uma história, segundo Lindón (2007), atribuímos valores, sentimentos, significados e conferimos características a determinados lugares. Portanto, por meio das narrativas revelamos lugares que são invisíveis ou estão parcialmente visíveis para outros grupos sociais. As narrativas expressaram movimentos, marcas, sentimentos, numa relação de pertencimento espacial muito forte. A compreensão da espacialidade do bairro estava relacionada a um vivido, a uma significação de mundo.

O Núcleo de Estudos Geografia & Ambiente tem priorizado discussões sobre a construção de mapas a partir da participação de comunidades tradicionais, e povos de periferia urbana. Por meio do diálogo com interlocutores do grupo levantaremos questões que favorecem compreender o processo de mapeamento realizado na Restinga.

Oliveira e Paula (2015) apresentam o processo de construção metodológica de mapas participativos na Floresta Nacional de Tefé. Os autores destacam que o caminho da pesquisa é construído de forma coletiva, em um processo contínuo de avaliação e priorizando as demandas dos participantes. Destacam os autores:

A participação dos comunitários no processo de elaboração dos mapas significa certificar a representação espacial relativa aos seus recursos, usos e conflitos, além do poder ativo na tomada de decisões no que será representado como necessidades e problemas sociais e ambientais para a futura gestão (OLIVEIRA; PAULA, 2015, p. 161).

Assim como abordam os autores, o processo de mapeamento na Restinga buscou envolver e integrar os participantes do projeto que traziam suas expectativas e demandas. O processo de mapeamento não foi engessado, à medida que os pesquisadores apresentavam propostas, os participantes tinham a possibilidade de enfatizar determinados elementos e sugerir outros. Um exemplo é a separação que usualmente é feita do bairro em Restinga Velha e Restinga Nova. Os participantes queriam que se discutisse o bairro como um todo, para que o resultado do trabalho provocasse uma maior união em vez de cisões. Isso motivou o grupo a pensar todo o conjunto de atividades.

Paula (2013, 2015) ressalta o papel da participação e dos vínculos comunitários como essencial para se pensar os mapeamentos comunitários. Assim, os comunitários se apropriam do processo (agregando suas demandas) e do mapa como instrumento de defesa dos seus territórios.

A participação e o vínculo comunitário caracterizam essa forma de mapear, mais do que os procedimentos cartográficos convencionais. Participação, como

o próprio nome sugere, ocorre quando os principais envolvidos tomam parte do processo (DEZIN; LINCOLN, 2006). Não se trata de uma “capacitação” em técnicas cartográficas, mas da utilização do mapa como linguagem, meio de expressão de vivências e instrumento para refletir e promover ações. Assim, esse tipo de mapeamento deve expressar os temas de interesse da comunidade. Pode ser compreendido como instrumento de pesquisa em processos de “pesquisa-ação” (THIOLLTENT, 2002), pois mais do que uma resposta a uma questão pesquisada, deve responder às questões de interesse da comunidade (PAULA, 2015, p. 49).

Sendo os participantes dos mapeamentos as lideranças comunitárias do bairro, o empenho, desde o princípio, foi de que os resultados expressassem as histórias e geografias da Restinga. Quando se depararam com a proposta de mapeamento, os participantes se apropriaram do processo e efetivamente o tomaram como seu. Assim, expressavam as histórias dos lugares onde constituíram vínculos com a comunidade, de lugares que, apesar de hoje não terem as mesmas características, são repletos de significados. Um exemplo é a Figueira, que constituía um lugar de encontro dos primeiros moradores e que hoje, apesar de não existir mais, representa um importante referencial no espaço do bairro.

Do ponto de vista do método cabe destacar que a proposta foi, mais do que criar um mapa, promover uma ação. Thiollent (2002) ressalta que a pesquisa-ação é uma modalidade de pesquisa que ocorre quando há grande empenho em transformar a realidade pesquisada. Assim, os participantes devem trazer uma demanda e todo o processo deve buscar intervenção. Construir um mapa que gera um conto que valoriza a história dos restingueiros pareceu, para os pesquisadores e participantes, uma possibilidade de valorizar os moradores do bairro. A mídia da cidade de Porto Alegre expõe esses moradores frequentemente relacionados à violência e ao tráfico de drogas, logo, o mapa pretende dar elementos para elaboração de um conto que apresenta os moradores como guerreiros que solidariamente lutam contra as adversidades e por melhorias no bairro.

Batista (2014, 2015) realizou cartografias comunitárias com agricultores de assentamentos de reforma agrária no Mato Grosso. A autora entende a cartografia como uma linguagem visual e espacial e produz representações do espaço à medida que produz e reproduz seus espaços de representações. Enfatiza o mapa como expressão da relação entre simbólico e material, em que se reconhecem as condições materiais de vida para que sejam dadas novas condições de também outros sentidos de humanização. Assim, o mapa é instrumento de luta:

Sob esta possibilidade historicamente produzida, situar o mapa como instrumento de luta viabiliza a compreensão e apreensão de uma dada lógica espacial, cotidiana (compreendida na relação entre as diversas escalas) e ao mesmo tempo a possibilidade de reivindicar condições objetivas para a resistência no espaço e quiçá a possibilidade da transformação social (BÁTISTA, 2015, p.92).

Enquanto linguagem, o mapa promoveu o diálogo entre pesquisadores e participantes, o que favoreceu a compreensão das narrativas. Buscamos compreender e mapear elementos materiais (muitos deles conquistas como ruas calçadas, postos de saúde, escolas etc.), mas também imateriais, como lugares de reuniões, encontros, cultos etc. Assim, houve o empenho de contemplar diferentes dimensões da vida no lugar.

Com o objetivo de valorizar a Restinga e seus moradores, o mapa e o conto gerado a partir dele constituiriam um instrumento de luta. Luta por reconhecimento, respeito e tratamento digno. Contudo, na medida em que se mapeava a Restinga que eles construíram ao longo dos anos se evidenciava que, além de instrumento, o mapa expressa a materialização das conquistas alcançadas por meio de lutas sociais.

No projeto, utilizamos como base cartográfica uma imagem de satélite com a sobreposição de um *shape* das ruas do bairro. Após, o narrador reconhece o bairro e principais pontos de referência são marcados no espaço. Alguns participantes faziam tais marcações enquanto narravam, outros preferiam marcar após a narrativa (nesse caso a equipe de pesquisadores registrava os principais referenciais para posteriormente percorrê-los com os narradores). É importante salientar que a cada novo encontro foi utilizada uma nova folha de papel vegetal, assim foram gerados mapeamentos para cada um dos narradores que participaram do projeto do livro-conto. Quando foram realizados todos os mapeamentos, as informações compuseram um único mapa-síntese, o qual serviu de base para traçar o percurso do conto.

A partir do processo que envolveu a escuta de narrativas e mapeamento de marcadores espaciais, identificamos a Restinga como espaço de moradia, de criação dos filhos, das possibilidades de vivência. Ou seja, traz o lugar como um espaço afetivo, encontrado nas significações do pertencimento: ***sou da Tinga***. As espacialidades se revelam durante as narrativas/mapeamento pelos campos de disputa por melhorias por equipamentos urbanos ausentes no bairro, tais como: transporte, escolas, água, postos de saúde, que materializam as lutas e mobilizam subjetividades transformadoras na busca destas melhorias.

Nossa estratégia, nesse momento, foi identificar marcas (materiais e simbólicas) presentes ao longo do processo de vivência dos moradores com o bairro. A figura 2, na página ao lado ilustra esta etapa.

A escrita do conto surgiu da necessidade de permanência contínua do diálogo com a comunidade, proporcionando leituras sobre cotidianos, espacialidades e de valorização de suas conquistas através da mobilização política que os narradores participaram da história da Restinga.

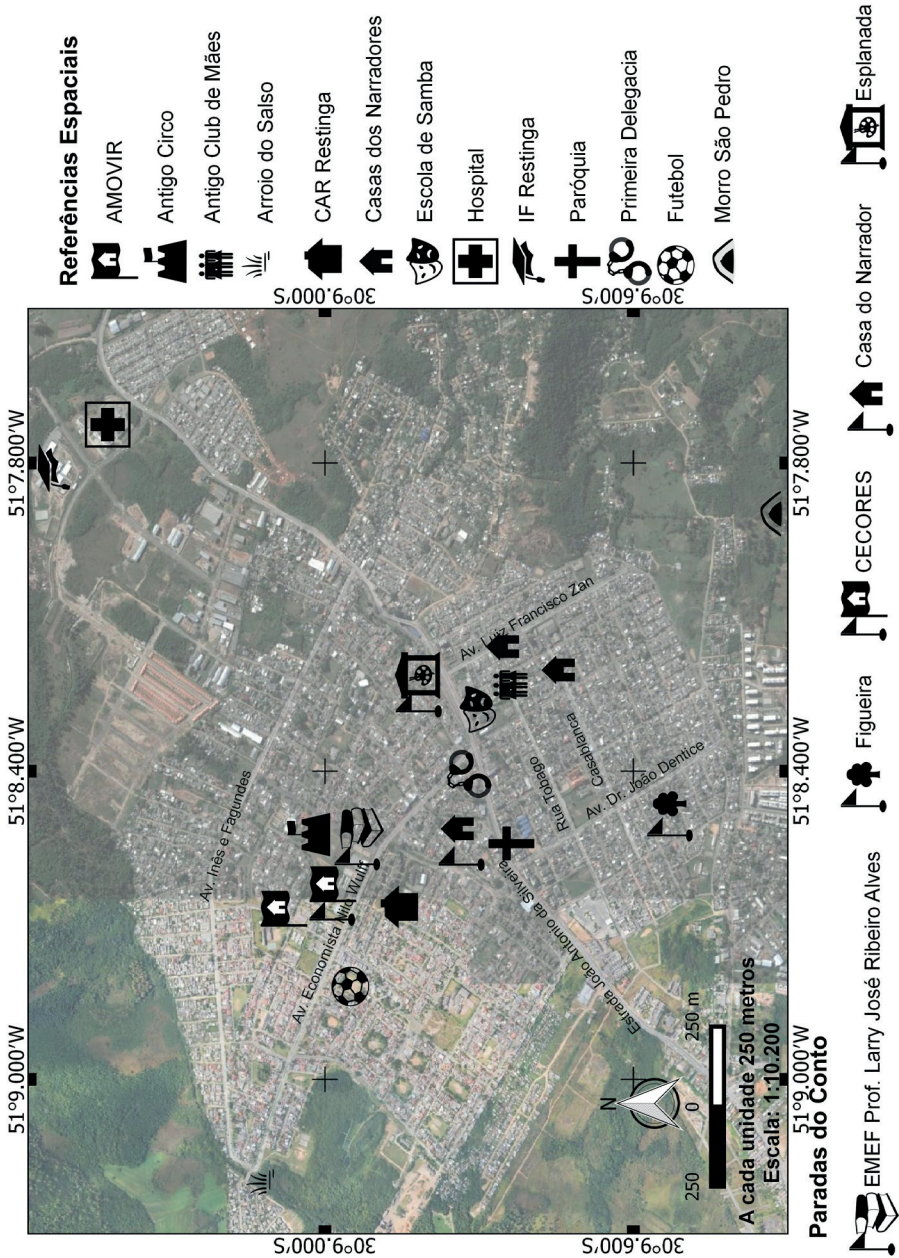
Figura 2: Etapas da construção da narrativa espacial.
Cada marca foi inserida sobre a base de uma imagem de satélite.



A partir de reuniões e atividades de campo realizadas na Restinga, elaborou-se uma cartografia que sintetiza pontos, marcas territoriais que participam da memória dos narradores e que contam como foram ocorrendo as transformações espaciais. Busca-se, assim, a reconstrução de narrativas de vida dos moradores do bairro, numa tentativa de resgate da construção do espaço coletivo a partir da memória individual. Lindón (2007) nos coloca que os lugares também são construídos pelos sentidos e significados que lhe são atribuídos, compondo assim uma complexa trama. As narrativas foram registradas em vídeo, áudio e anotações de campo. Estas serviram de base para a interpretação das marcas e possibilitaram a construção de uma cartografia da memória do bairro. A figura 3 demonstra esta etapa.

Após a construção de mapas-narrativas com os sujeitos, integraram-se os referenciais espaciais em um só mapa (Figura 3, página seguinte). Este expressa trajetos que se entrecruzam de acordo com a significação no contexto comunitário. Foi possível, então, verificar, no espaço do bairro Restinga, elementos que favorecem a construção de significações espaciais e que estas poderiam inspirar um conto para crianças e jovens. Mapas-narrativas compreendem um diálogo que relaciona o vivido entrecruzado com o espaço. Representam sentidos e linguagens de significação do conhecimento pela percepção do mundo em suas transformações experienciadas.

Figura 3 – Mapa com marcas e memórias espaciais.



O Diálogo: vamos contar!

Foi na tentativa de compreender o *ser* Restinga, que representava ser cada um deles e que estava presente na fala “*a Restinga somos nós!*”, buscamos contar sobre o bairro através de narrativas que se situam em temporalidades e espacialidades diferentes, mas se encontram em contextos de organização comunitária. Como o conto expressa vivências desses moradores, decidimos apresentá-los como personagens, para valorizar suas trajetórias na comunidade. Eles vão presentear crianças, em idade escolar, com caixas cheias de símbolos. Essas caixas representam as suas memórias, que, na compreensão de história oral, são transmitidas entre sujeitos em relações sociais.

Com base no mapeamento, estabeleceu-se um trajeto para a construção de um conto geográfico. Para que jovens se reconhecessem nesse conto, os personagens são inspirados em estudantes da escola em que foi realizado o projeto, os quais saem do ambiente escolar em busca de descobertas no bairro. Assim, a provocação é de que os educandos que leem o conto também valorizem e busquem, com seus amigos e familiares, memórias sobre a Restinga.

À medida que se deslocam no bairro, os jovens encontram caixas com símbolos, que são oferecidas por personagens reais (os narradores). Essas caixas representam a memória destes narradores que são recheadas com símbolos que remetem aos marcadores espaciais. Assim, o espaço vai se tornando significante na medida em que se compreende o significado dos símbolos.

Tendo elaborado a primeira versão do conto, a equipe de pesquisadores convidou os narradores e estudantes da escola para uma pré-apresentação da obra. Este foi um momento importante para avaliar o quanto o conto era apreensível pelos estudantes, bem como promover o diálogo entre os narradores que, no momento anterior, participaram individualmente juntamente conosco. Para tanto, utilizamos como estratégia o **círculo hermenêutico-dialético**. Esta técnica, para Oliveira (2001), situa o diálogo numa ação na qual os diversos atores sociais da pesquisa se encontram para discutir seus resultados. A partir de um vaivém ininterrupto de interpretação e reinterpretação, os participantes se colocam em construção de um diálogo sobre a pesquisa, que, em nossa situação, foi o conto geográfico. As críticas, as revisões, as análises e construções textuais do conto buscaram reunir no conjunto as falas e os significados que poderiam ser apresentados nesse conto. Na ação dessa técnica, reuniu-se o grupo de pesquisadores da Universidade, da Comunidade e da Escola.

Não houve impasses entre os narradores, mas complementações, celebração de conquistas, e por isso um importante momento de reescrever o conto e de pensar a comunidade. Destacamos que foi nesse encontro que o grupo de pesquisadores e narradores decidiram manter a identificação destes últimos como personagens do

conto, para valorizar as suas trajetórias. Outra questão a frisar foi o impacto do conto nos estudantes, que se mostraram muito interessados em escutar as histórias dos narradores, questionando-os e trazendo relatos que já haviam escutado dos pais e avós.

Figura 4: Pré-apresentação dos resultados da pesquisa com a participação da comunidade. Este foi um momento de leitura e escuta das narrativas das entrevistas, bem como apresentar a ideia do livro para popularização dos resultados da pesquisa. Envolveu os narradores (lideranças comunitárias), alunos e professores da Escola Municipal Larry José Ribeiro Alves.



Após essa etapa, a equipe de pesquisadores voltou a trabalhar na edição do conto. Buscou-se integrar todas as sugestões apontadas pelo grupo. Nesse momento, também procurou-se identificar quais seriam as principais cenas que seriam ilustradas. Decidiu-se, então, que as cenas seriam as que expressassem os personagens (educandos e os narradores) no tempo presente, de forma que ocorressem em diversos espaços do bairro. Foi então realizada uma outra versão do conto, já com ilustrações que foram elaboradas pela artista plástica Nádia Poltosi. Esta versão, também foi analisada por Nelson Rego que fez a leitura do percurso do conto para pontuar suas possíveis interseccionalidades com o ensino de geografia, que na época sugeriu o encarte didático para o livro.

Ainda, antes da divulgação do conto impresso, este serviu de base para dois trabalhos de campo no Bairro Restinga. Neste, se observou a potencialidade do conto para aprendizados, também fora da sala de aula. O primeiro trabalho de campo foi realizado no contexto das Jornadas Pedagógicas promovidas pela AGB (Associação de Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre) e o LIAU (Laboratório de Inteligência Urbana).

O percurso, os campos: marcas deixadas no espaço ou Geo-Grafias

Ao longo da pesquisa foram realizados trabalhos de campo pelo bairro. Alguns estiveram vinculados à Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Larry José Ribeiro Alves, mediadora em nossa aproximação com a comunidade. O que comumente chamamos de trabalho de campo, neste texto utilizaremos a expressão de Suertegaray (2002) “campeando”. Para a autora, a expressão campeando refere-se a algo que está à procura, ou seja, procurando – pesquisando. Como campear significa pesquisar, esta significa a busca. A busca pela leitura do lugar, de descobertas, de leituras da Restinga.

O conto tem como cenário inicial a Escola Larry Ribeira Alves. O local foi escolhido por ter sido o ponto de encontro entre pesquisadores, narradores e alunos que participaram do projeto. A primeira cena do conto se passa na biblioteca, conforme podemos observar na primeira ilustração do livro (Figura 5), pois é na biblioteca onde as crianças encontram a primeira caixa, a qual os levará ao primeiro marco espacial. Na primeira caixa, as crianças se surpreendem e encontram os seguintes objetos:

Os amigos ficam muito surpresos com o que encontram dentro: uma pedra, um escrito e um desenho. Atraída pelas risadas das crianças, a professora Giselle entra na biblioteca e pergunta o que está acontecendo (CONTO, p.2, 2013).

Os objetos em si não contam a história do bairro, por isso, para cada um deles encontramos uma explicação realizada por diferentes personagens. O texto rabiscado é explicado pela professora Giselle, o qual faz referência a uma música do compositor gaúcho Lupicínio Rodrigues sobre a Ilhota. A Ilhota foi um lugar de onde muitos moradores da Restinga foram originários.

Portanto, a música faz referência aos primeiros moradores da Restinga que foram removidos do centro de Porto Alegre, das chamadas vilas Ilhota, Marítimos, Dona Teodora e Santa Luzia. Essas pessoas foram arrancadas do centro da cidade e foram jogadas na parte do bairro que seria chamada posteriormente de Restinga Velha. Para melhor entendimento, eles estavam agora distantes 27 quilômetros do centro de Porto Alegre.

O desenho de um mapa é encontrado pelas crianças e simboliza um lugar a ser “campeado”, tendo em vista que nem todas as explicações dos objetos se dão

Figura: 5 - A biblioteca.

Fonte: “Desvendando a Tinga: O mistério das caixas”.

Ilustração: Nádia Poltosi.

na escola. O desenho do mapa é a localização de outra marca espacial, apontada durante as narrativas como a figueira. Esta simboliza a parte mais antiga do bairro, o ponto de encontro para as primeiras muambas, de acordo com a explicação da narradora Carla:

Ao chegarem no ponto marcado no desenho, as crianças encontram Carla e Augusta. Daniel, entusiasmado ao encontrá-las, conta sobre o mistério da caixa encontrada na biblioteca. Carla conta que ali havia uma figueira que fazia sombra sobre os dois lados da rua e que deste local saíam as muambas. Ana pergunta: o que são muambas? A muamba é a arrancada geral para o ensaio de uma escola de samba. Fui a maior muambeira daqui da Restinga e ela partia daqui da figueira (Conto, p.4, 2013).

A figueira já não existe, mas está na memória dos moradores, pois foi lembrada por nossos narradores, e ainda durante vários campos foi possível observar que tudo que existe no entorno dela leva seu nome: bares, pequenos comércios, entre outros. Os moradores se referem ao lugar como “volta da figueira”. Para Maria Clara, a figueira simboliza o espírito do restingueiro, a força dos moradores do bairro. A figueira *grafa* espacialmente o bairro e torna-o um lugar de memória para os moradores, o lugar

entendido aqui, a partir de Tuan (1983), como sendo um espaço de memórias, de lembranças, de sentimentos afetivos ou de medo. O espaço torna-se lugar na medida em que os sujeitos atribuem significados, atribuem lembranças, quando se torna parte de suas vidas.

Nossa história não termina aqui! Continuamos o trajeto com as crianças que recebem uma segunda caixa na figueira, não esquecendo que a pedra dada na primeira caixa continua no bolso da personagem Ana sem explicação.

As crianças seguem para a esplanada, outra marca espacial. A Esplanada da Restinga – praça central localizada na avenida João Antônio da Silveira – é um lugar de muita importância para o bairro. É lugar de encontro, possui uma centralidade onde acontecem às principais comemorações, festas e outras atividades. Para nossa narradora, Maria Clara, é na Esplanada onde estão os diferentes poderes, o judiciário, representado pelo Fórum, o religioso, representado pela Igreja Nossa Senhora da Misericórdia, e o cultural, representado pela Escola de Samba Estado Maior da Restinga (Figura 6).

Figura 6: Esplanada da Restinga.



Fonte: “Desvendando a Tinga: O mistério das caixas”.

Ilustração: Nádia Poltosi.

Na segunda caixa, os elementos constituintes são: um novelo de lã, um copo e um pandeiro. É Maria Clara quem explica os elementos da caixa às crianças. Contudo, antes da explicação, as crianças ficam sabendo do por que da pedra da primeira caixa, através dessa narradora:

Nessa época, a vida era muito difícil por aqui. Para ir ao centro de Porto Alegre usávamos o Romeu e Julieta: um ônibus articulado que ia de manhã e voltava à noite. Ele fazia a volta da Figueira, aquela das muambas, e outros trajetos marcados com pedras que ajudavam a nos localizar (Conto, p. 8, 2013).

A pedra simboliza a dificuldade de deslocamento dos moradores da Restinga para o centro da cidade, o transporte é uma das principais lutas dessa população que ficou totalmente apartada do centro, devido à distancia. Podemos, a partir da pedra, compreender como a mobilização por transporte possibilita o fortalecimento de laços entre os moradores, tendo em vista a necessidade de transcender uma necessidade individual e tornando-a coletiva, para que ganhe força, e para exercer pressão nos gestores da cidade a mudar a situação desses moradores.

O espaço da Restinga está marcado pelas mobilizações da coletividade, as quais estão materializadas na paisagem do bairro, pela construção de locais, os quais são pontos de encontro e articulação entre os moradores, o primeiro destes locais é o Clube de Mães, simbolizado aqui pelo novelo de lã, nas palavras de Maria Clara: “Crianças, este novelo de lã me faz lembrar o Clube de Mães, onde as mulheres aprendiam crochê e artesanato. Mulheres como a Maria Angélica, a Terezinha e eu ajudamos a fundar o Clube em 1975” (Conto, p. 8, 2013).

A conquista de equipamentos públicos da Restinga é fruto de mobilização popular, todos nós sabemos que é dever do Estado possibilitar que as pessoas vivam bem, que tenham uma boa qualidade de vida, entretanto, no caso deste bairro, isto aconteceu muito por meio da organização dos moradores. A fala de nossa narradora Djanira demonstra e reafirma a força dos moradores da Restinga:

A Restinga tem muita história para contar. Lembro quando ocupamos o Centro Administrativo da Restinga, em 2008, para que nos garantissem o terreno para a Escola Técnica. Ainda buscamos o seu melhoramento e estamos conquistando o hospital (Conto, p. 10, 2013).

O pandeiro simboliza a cultura do samba, a qual faz parte do cotidiano do bairro até os dias de hoje, a Restinga tem uma das maiores escolas de samba de Porto Alegre. Vejamos o diálogo entre de Maria Clara e as crianças:

Vó Clara! O pandeiro tem relação com a escola de samba? - Isso mesmo! Na Restinga temos duas escolas de samba: Estado Maior da Restinga e União da Tinga, chamada de Tinguinha. Eu já fui da ala das baianas na Estado Maior! (Conto, p. 8, 2013).

É Djanira que entrega a próxima caixa às crianças, que as levará ao outro marco espacial: a Avenida Nilo Wulff. Na caixa, encontramos mais três elementos: uma bola de futebol, um nariz de palhaço e uma reportagem. O próximo mistério só poderia ser resolvido pelo nosso narrador José Carlos, mais conhecido como “Beleza”.

A avenida Nilo Wulff encontra-se, nos dias de hoje, na parte do bairro que é chamada pelos moradores de Restinga Nova. Na formação da Restinga, compreende-se na segunda forma de ocupação, tendo em vista que a primeira se dá por meio das remoções de moradores do centro da cidade.

A segunda forma de ocupação deu-se predominantemente pela obtenção de casas ou apartamentos através do cadastramento realizado no Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB). As pessoas realizavam um cadastramento no DEMHAB e esperavam ser chamadas para receber suas casas, as quais não eram dadas pelo DEMHAB, tendo em vista que muitos moradores pagam até hoje uma pequena prestação.

Logo que chegamos à avenida Nilo Wulff, observamos na sua paisagem os blocos habitacionais daquela área. Os arredores e a própria avenida foram marcados por diferentes eventos da história da Restinga. Nosso narrador, o Beleza, detalha esses eventos durante sua narrativa de vida espacial e mapeamento.

Na Nilo Wulff, está situado o CECORES, Centro Comunitário da Restinga, que foi palco de diferentes eventos, Beleza explica o que ele simboliza:

O empenho de muitos moradores foi transformando o nosso espaço. Foi com muita luta que ajudamos a construir o centro comunitário, o CECORES. Nele acontecia até baile de debutantes. Nesse momento, Daniel comenta:

- Então, a Restinga se encontrava no CECORES.

Beleza exclama: - Isso mesmo! Sua construção nos ajudou muito nos movimentos de melhoria do bairro. Nossas dificuldades foram vencidas com muita garra e atitude. Hoje temos muitas escolas no bairro, elas foram conquistadas. A escola é o espaço de transformação social. Gurizada é o seguinte: a gente se mobilizou muito pela Restinga e esse espírito deve continuar (Conto, p. 14, 2013).

O nariz de palhaço simboliza os ensaios de circo que aconteciam nas proximidades do CECORES e a bola de futebol simboliza a importância da liga de futebol amador que existia na cidade de Porto Alegre. Segundo Beleza:

O nariz de palhaço lembra os artistas de circo que se apresentavam ao lado do CECORES, onde tinha um coreto. Nesse lugar aconteciam as festas e as comemorações da Semana da Restinga. O futebol, também, é importante, por isso a bola aí, nessa caixa. Tínhamos a LIFEAR, Liga de Futebol da Restinga, e temos muitos campeonatos ainda hoje (Conto, p. 14, 2013).

O conto se encerra com a entrega de uma chave e de uma reportagem por Beleza. A chave provoca as crianças a procurarem o último mistério. Na reportagem,

elas visualizam um endereço que as leva a um apartamento do conjunto habitacional da Nilo Wulff, que representa a última caixa.

Nesta caixa (Figura 07), lembranças da história da Restinga e o reencontro de todos nossos narradores acontece e as falas representam este diálogo:

– Ana aqui pode ver nossas histórias. Têm lembranças das pessoas, com quem conversamos. Logo em seguida, chegam Maria Clara, Carla, Augusta, Deja e o Beleza, que pergunta:

– Desvendaram o mistério? Ele mostra pela janela o horizonte da Restinga e de lá observam o Morro São Pedro, o Arroio do Salso, a Esplanada e a vida do bairro. Tetê responde:

– Ainda não. Quem fez o mapa? Vamos ter outra pista?

Beleza esclarece às crianças que aquele mapa se faz e se refaz todos os dias pelas pessoas que constroem a nossa Restinga e que existem muitas outras caixas (Conto, p. 15, 2013).

Figura 7: Casa do Beleza.



Fonte: “Desvendando a Tinga: O mistério das Caixas”.

Ilustração: Nádia Poltosi.

A partir das narrativas e do mapeamento foi possível construir os mapas-narrativas, os quais se constituem de lugares significativos para nossos narradores. Os lugares foram significados por objetos que estão nas caixas e, assim, vamos entendendo e compreendendo os significados destes lugares e observando que existe um entrelaçamento entre passado, presente e futuro pela memória, luta por melhores condições de vida, manifestações culturais e práticas socioespaciais dos moradores da Restinga.

A partir das marcas espaciais, foi possível contar sobre o bairro dando acento às transformações dos lugares geográficos, os quais se constituem como marcos memoriais. Assim, não temos apenas uma história contada a partir do tempo, mas uma história contada a partir do tempo e do espaço, em sua simultaneidade e multiplicidade.

“Desvendando a Tinga: O mistério das caixas” seguiu seu próprio caminho

Para a divulgação da primeira edição do conto, foram realizadas oficinas em diferentes escolas no bairro Restinga durante o ano de 2015, com a participação de alunos e professores da rede municipal de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul. Oficinas realizadas com professores e alunos possibilitaram o conhecimento da história espacial do bairro, reconhecimento de um cotidiano vivido espacialmente.

Aprendemos com este caminhar que os processos de pesquisa relacionam-se com o envolvimento participativo. No contexto em que pesquisamos, o mapa tornou-se um meio de diálogo entre todos os envolvidos na pesquisa e as narrativas espaciais expressam trajetórias individuais e coletivas. Então, nesse momento, sem encerrar a discussão, entendemos que no nosso caminho metodológico houve o mapeamento de marcas espaciais, que ontologicamente estão intrínsecos na existência dos sujeitos. Assim, a construção de mapas-narrativas, os quais se referem a uma perspectiva dialética entre totalidade/particularidade das relações entre sujeito e espaço em que vive, nos proporcionou a compreensão de que os indivíduos simplesmente não se movimentam pelo espaço, e sim que são caminhanes de suas trajetórias de vida vividas e experienciadas, que nos faz ligar espacialmente ao mundo que vivemos e, assim, nos significar na relação com o espaço.

Referências

- AIGNER, C.H. O. **Alfabetização em geografia e educação ambiental**: construindo a cidadania em escolas voltadas a educação popular. 2002. 207 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- AIGNER, C. H. O.; PIRES, C. L. Z. O contexto escolar dialogando com microterritorialidades urbanas: possibilidades includentes. **Terr@ Plural** (UEPG. Online), v. 6, p. 353-365, 2012. doi: 10.5212/TerraPlural.v.6i2.0011
- BATISTA, S. C. **Cartografia geográfica em questão**: do chão, do alto, das representações. 2014, 512 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- BATISTA, S. C. Por uma cartografia em movimento. In: SUERTEGARAY, D. M. A.; PIRES, C. L. Z.; OLIVEIRA, M. G. (Eds.). **Geografia & Ambiente**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. p. 60-65.
- LINDÓN, A. El constructivismo geográfico y las aproximaciones cualitativas. **Revista de Geografía Norte Grande**, Santiago de Chile, n. 37, p. 5-21, jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-34022007000100001&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 jul. 2002.
- OLIVEIRA, M. G.; PAULA, C. Q. Relato de experiência em mapeamento participativo com ribeirinhos da FLONA de Tefé/AM. In: SUERTEGARAY, D. M. A.; PIRES, C. L. Z.; OLIVEIRA, M. G. (Eds.). **Geografia & Ambiente**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. p. 158-175.
- OLIVEIRA, M. M. Metodologia interativa: um processo hermenêutico dialético. **Interfaces Brasil/Canadá**, Porto Alegre, v. 1, n.1, 2001. Disponível em: www.revistabecan.com.br/arquivos/1178668221.pdf. Acesso em: 12 jul de 2012.
- PAULA, C. Q. **Gestão compartilhada dos territórios da pesca artesanal**: fórum delta do Jacuí (RS). 2013.129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- PAULA, C. Q. Gestão compartilhada dos territórios da pesca artesanal. In: SUERTEGARAY, D. M. A.; PIRES, C. L. Z.; OLIVEIRA, M. G. (Eds.). **Geografia & Ambiente**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015. p. 46-59.
- SANTOS, M. **A Natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em Geografia. **GEOgraphia**, Niterói, v. 4, n. 7, p. 64-68, 2002.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- TUAN, Y-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.